

RICARDO SERAFIM

5°



O Homem que viu
o Fim do Mundo

O HOMEM
QUE VIU
O FIM
DO MUNDO

por Ricardo Serafim

1

Certa noite, João Vigon teve um pesadelo terrível. Ele acordou angustiado e foi até a cozinha para beber água, pisando com cuidado para evitar perturbar o sono da esposa. Enquanto passava, olhava espantado para as sombras ao seu redor, ainda com a nítida sensação do sonho que acabara de ter. Ele encheu o copo pela metade e bebeu a água num só gole, sem nem se dar conta de que no fundo do copo havia uma sujeirinha.

O que arrancou João da cama não fora somente um pesadelo ordinário, mas uma narrativa vívida. Sonhara com o fim do mundo. Ele não era do tipo que sonhava com frequência, e quando isso acontecia, raramente se lembrava do que havia sonhado. Mas dessa vez foi diferente. As imagens de seu sonho foram tão nítidas que mesmo após alguns minutos elas ainda brotavam em sua consciência, cristalinas. Ainda tremia enquanto segurava o copo vazio, relembrando de tudo que vira no sonho.

Pensou em acordar a esposa para contar-lhe sobre a visão, chegou mesmo a caminhar até a porta do quarto, mas se deteve no último instante. Aquilo era muito complicado para que ele simplesmente jogasse em cima de Lucilda. Imaginou a mulher ainda meio atordoada de sono, sem entender nada do que o marido

despejava sobre ela. Deveria Haver jeito melhor de contar a ela, ponderou.

Ele não saberia por onde começar. Eram tantas informações, tantas visões, tantos horrores, que tudo se confundia em sua mente, embaralhando-se num vórtex caótico de loucura. Sentiu a necessidade de colocar tudo em ordem. Dar sentido ao caos.

Respirando fundo e controlando a ansiedade, João foi até a sala, pegou um antigo caderno da época em que tentara aprender caligrafia e o levou para o sofá. Acendeu a luz do abajur de canto e escreveu, apoiando o caderno sobre o braço do sofá. Tópico por tópico, a avalanche de calamidades que revoava em sua mente foi sendo transcrita para as folhas do caderno, numa caligrafia urgente e tremida, com rasuras e anotações em linha, pois não havia tempo para caprichos, o importante era vomitar tudo.

Escreveu todas as informações da forma mais clara e fiel que pôde, sem deixar que lhe escapassem os detalhes, dando um corpo coerente a uma descrição insana da visão. Temeu ter esquecido de algo importante, mas esse temor se desfez logo que percebeu que por mais que o tempo passasse, ainda mantinha vívidas as imagens de destruição.

Quando terminou de escrever, contou e enumerou as páginas do caderno. Nove páginas, escritas em ambos os lados da folha. Olhou para o relógio de parede da sala, forçou a vista para ver na luz difusa, e viu que ainda eram três horas da manhã. Coçou a cabeça e pensou no que faria agora que tudo estava documentado, escrito em tinta de caneta azul em folhas paltadas, a salvo da fragilidade do esquecimento da mente humana. A esposa ainda dormia, alienada do fervor que se desencadeava na sala de estar.

Sem saber o que fazer, só lhe restou retornar para as páginas amareladas do caderno de caligrafia e revisar todo seu conteúdo. O velho caderno, que tinha uma cafona capa com imagem de um veleiro, havia adquirido um imenso magnetismo. Ele o releu, acrescentando alguns pontos, esclarecendo outros. Leu novamente e depois outra vez, e outra. Chegou mesmo ao ponto de decorar toda a narrativa, linha por linha. Se ao acaso o caderno fosse atingido por um raio e reduzido a cinzas, ele ainda saberia rescrever toda a história com um alto nível de fidelidade.

Às cinco e meia da manhã, o despertador do quarto tocou. João já estava pronto. Tinha tomado banho, penteado os cabelos, passado a loção e aparado o bigode. Ficou sentado à mesa da sala, com as mãos juntas e os dedos entrelaçados sobre o caderno, esperando a esposa. Lucilda tomou um susto quando o viu sentado, alinhado, com uma postura ereta que lembrava a de um candidato em uma entrevista de emprego.

— O que você está fazendo? Não é muito cedo para sair pro trabalho? — indagou ela, tapando com a mão um bocejo e se dirigindo para a pia da cozinha.

— Amor, vem aqui. Tenho algo importante para te contar.

A mulher estranhou o jeito do marido, a voz séria e a postura ereta. Prendeu o cabelo desgrenhado e pegou uma garrafa térmica do armário. Passar o café era a primeira coisa que fazia todas as manhãs. Naquele dia, em especial, seu marido parecia ter visto um fantasma. Ele insistiu que ela deixasse as tarefas cotidianas de lado e sentasse para ouvi-lo falar.

Lucilda puxou uma cadeira e ficou de frente para o marido,

leu nos olhos dele que algo sério havia ocorrido.

— O que foi que aconteceu? Alguém morreu?

Ela já estava apreensiva.

João segurou as mãos da esposa.

— Não — disse ele para alívio dela — mas tenho algo muito sério para contar. — Ele apertou com mais força as mãos de Lucilda.

— Vou te contar tudo desde o começo. Sei que você vai achar que é loucura, mas espere até eu terminar — ele fez uma pausa. — Confie em mim.

Então João contou sobre o que lhe arrancou da cama mais cedo. Cada detalhe. Seu sonho sinistro, sua visão, o fim do mundo.

Foi dessa maneira que a mulher chamada Lucilda se tornou a primeira pessoa a ouvir sobre a visão apocalíptica de João Vigon. O marido lhe narrou o sonho profético, seguindo a mesma ordem cronológica que havia elaborado no caderno de caligrafia e sem lhe poupar nada.

A catástrofe, transmitida à esposa pelo marido, narrava uma onda de mortes em massa que começaria em pontos aleatórios do planeta e que, em poucas horas, se espalharia por cada recanto do mundo.

Tudo começaria com um sinal. Fortes luzes verdes e azuis, semelhantes à famosa aurora boreal, começariam a surgir pelos céus em todos os trópicos, causando nas pessoas um misto de encantamento e temor. Essas luzes seriam vistas a princípio como um fenômeno curioso, sem chamar atenção para a ameaça que anunciavam. Após alguns dias do surgimento do fenômeno inex-

plicável, aconteceria a grande catástrofe: a onda de mortes.

O marido contou como viu pessoas de todo mundo caindo mortas nas calçadas, nas ruas, dentro de suas casas, aos milhões. Uma em cada cinco pessoas iria perder a consciência, revirar os olhos em espasmos furiosos e terminaria expelindo sangue pela boca, criando o retrato fugaz de uma morte rápida e impiedosa.

Quando terminou de ouvir o relato, com as descrições precisas das mortes e dos efeitos catastróficos causados por ela, Lucilda ficou atônita. Tudo que passava em sua mente era a ideia que o marido estava sucubindo à loucura. Quando o choque passou, ela riu em um indisfarçável desconcerto e acusou o marido de estar tentando pregar-lhe uma peça. No fundo, eram acusações feitas da boca para fora, pois depois de cinco anos de casamento, Lucilda conhecia suficientemente bem o marido para saber quando ele estava mentindo e quando estava falando a verdade. Mesmo assim, não acreditava na visão insana do marido, o que também não a impedia de saber que *ele* acreditava em sua própria fantasia.

— Tudo bem — ela disse. — Digamos que você tenha mesmo tido uma visão do futuro. O que podemos fazer a respeito disso?

João não tinha resposta para essa pergunta. Esperava conseguir encontrá-la junto a Lucilda, quem sabe ainda naquela mesma manhã. Tudo que sabia era que algo precisava ser feito, caso contrário seria *um em cada cinco*. Pela primeira vez, de forma sóbria e sem distorções, ele imaginou a devastação que aquele número significava.

De forma efusiva, João explicou como o impacto da onda de mortes poderia ser escalonado se nada fosse feito. Ele exemplificou alguns casos, alguns poucos que ainda revoavam em sua

mente. Contou sobre como tanto piloto quanto copiloto seriam acometidos pela morte súbita, no momento em que pilotavam seus aviões. Sem controle, as aeronaves faticamente cairiam, causando a morte instantânea de mais outras centenas de pessoas. Técnicos de usinas nucleares desfaleceriam em momentos críticos da manutenção de seus reatores, motoristas de ônibus colidiriam seus veículos na rua, médicos e equipes inteiras deixariam pacientes desassistidos no meio de cirurgias delicadas. Esses, entre tantos outros casos, mostravam como a morte repentina de uma grande parte da população causaria uma tragédia ainda maior por consequência.

João chorou.

Lucilda tentou acalantar o marido. Ela mesma sentia o coração apertado. Estava dividida, por um lado acreditava no marido, por outro, não conseguia aceitar a tangibilidade daquela história terrível. Não entendia como João havia tido tamanho devaneio. O marido nunca foi o que se podia chamar de uma pessoa criativa. Ele trabalhava como assistente administrativo em um escritório de engenharia, fazendo tarefas burocráticas como preencher planilhas e organizar pilhas de arquivos. Não gostava de assistir filmes, e quando a muito custo saíam juntos para ir ao cinema, João dormia no meio da projeção e raramente se lembrava do final do filme. Também não gostava de ler. O último livro de ficção que leu na vida havia sido nos tempos do colégio. Sendo João uma pessoa tão desprovida de fantasia, Lucilda se perguntou de onde ele havia tirado toda aquela história absurda?

João ficou em casa naquela manhã. Lucilda teve que ligar para o trabalho do marido e dizer que ele estava doente, o que, de cer-

ta forma, talvez fosse verdade. Ela fez seus deveres domésticos e tentou acalmá-lo. Ele, perturbado com sua visão, andava de um lado para o outro da casa como se procurasse por algo perdido no seu interior, se recusando a comer ou se deitar. Passou o dia inteiro inquieto, caminhando em círculos. Volta e meia sentava-se à mesa e abria novamente o caderno de caligrafia. Esfregava as têmporas como um matemático encurralado com um problema de difícil solução, e ficava a ler suas próprias palavras, procurando uma saída para o dilema. Para Lucilda, não foi surpresa quando o marido não quis ir deitar-se à noite.

— Tenho medo do que pode acontecer — disse ele, andando de um lado para outro no quarto — e se o sonho vier novamente?

— Você precisa voltar à realidade. Aquilo foi só um sonho, nada mais.

Nada mais, pensou João.

Ele torceu para que a esposa estivesse certa. Um sonho. Se agarrou a essa ideia. Jantou forçadamente e, depois de muita insistência, deu-se por vencido e foi deitar-se ao lado de Lucilda.

Demorou bastante até conseguir pegar no sono, mas ao final, conseguiu adormecer. Quando acordou na manhã seguinte, sentiu-se cansado, mas pelo menos estava um pouco menos triste, principalmente ao constatar que não sonhara novamente com visões apocalípticas.

Ele foi ao trabalho, mesmo não estando em seu melhor ânimo. Lucilda ficou aliviada quando viu o carro saindo da garagem. A vida tinha que seguir em frente. Com ou sem fim do mundo, ainda haviam as contas a serem pagas. O marido tinha que deixar o pesadelo para trás e seguir com a vida.

Ao contrário do desejo da esposa, João não deixou de lado a história da visão. Pelo contrário, ele ficou obcecado com seu sonho.

João passou a procurar constantemente assistência para compreender sua visão, indo visitar padres e pastores, mesmo não sendo religioso, na esperança de que esses sacerdotes lhe mostrassem o caminho. Quando percebeu que tudo o que interessava aos religiosos era sua conversão, João abandonou as explicações teológicas e começou a procurar por todo tipo de gente que estivesse disposto a ouvi-lo. Passou a visitar astrólogos e astrônomos, videntes e cientistas. Investiu todas as suas horas vagas na tentativa de compreender sua visão, sem diferenciar vigaristas de altruístas. Mostrava o caderno de caligrafia a todos com quem conversava. Contava os mesmos detalhes de sempre, sobre as luzes verdes no céu e o holocausto que viria em seguida. Chegou a participar de acaloradas discussões na ocasião em que foi ouvido por uma bancada de estudos escatológicos, quando fora forçado a esmiuçar cada ponto de sua previsão, enquanto os estudiosos tentavam cruzar os pontos descritos por ele com os sinais contidos no livro de Apocalipse.

Em todos os debates, João era colocado contra a parede e questionado sobre quando as *tais* luzes surgiriam. Essa era uma pergunta para a qual ele não tinha resposta.

De tanto perambular pelo mundo, as folhas do caderno de caligrafia com capa de veleiro foram ficando cada vez mais gastas.

João se viu obrigado a usar o computador do trabalho, um moderno 286 Microtec, para digitar e imprimir sua profecia. Fez isso numa lenta impressora matricial, com letras mono-espaçadas. Quando terminou, mandou encadernar várias cópias e começou a enviá-las para deus e o mundo, na esperança de que alguém com interesse as pudesse ler.

Para seu azar, suas preces foram ouvidas e sua caixa de correio começou a ficar abarrotada de cartas, enviadas por toda qualidade de gente e de todos os lugares imaginados. Paranoicos, conspiracionistas, exotéricos e fanáticos religiosos lhe escreveram, fazendo as mais escabrosas propostas, que iam desde a fundação de uma nova religião, até a criação de uma empresa para consultoria exotérica. Curiosamente, não se sabe como, uma destas cópias cruzou o atlântico e foi traduzida para o alemão. Quando as cartas germânicas começaram a chegar, João não soube como traduzir aquele estranho idioma. Após um tempo, ele passou a simplesmente ignorar essas correspondências.

Além dos lunáticos que lhe enviavam constantemente todo tipo de bizarrice, havia, é claro, os zombeteiros. Pessoas com tempo sobrando para fazer troça com a cara de qualquer coitado começaram a mandar correspondências repletas de ofensas e insultos. O telefone tocava no meio da noite, quando João atendia, descobria que eram apenas trotes. Bilhetes com ofensas eram deixados por debaixo da porta. Piadas eram ouvidas no meio da rua.

Em meio a essa loucura estava Lucilda, sofrendo por tabela com toda a exposição que a cruel excentricidade do marido trouxera para suas vidas.

As brigas entre o casal se tornaram constantes. João dedica-

va cada segundo do seu tempo a promover sua visão de fim do mundo, esperando com isso conseguir respostas ou, no mínimo, compreensão. Enquanto isso, tudo que chegava até eles eram humilhações. Lucilda, indissociável da figura do marido, também era convertida em alvo de injúrias vindas de conhecidos e até mesmo de familiares.

Os problemas conjugais se intensificaram ainda mais quando João decidiu escrever um livro. Se as cópias impressas em papel contínuo haviam tido tanta repercussão, ele poderia ir muito além caso conseguisse lançar um livro completo, publicado por uma editora conhecida e distribuído nacionalmente. Reescreveria toda profecia, adicionando ainda mais detalhes, incluindo também sua interpretação com base nas reflexões que havia feito desde então. Alguém com credibilidade poderia ler a obra e levá-lo a sério.

Para fazer as coisas do jeito certo, ele precisava dedicar-se exclusivamente a esse novo projeto. Para tanto, João teve que pedir demissão de seu trabalho. Seu chefe, um engenheiro renomado, ficou aliviado com a decisão do empregado, pois evitou o desgaste de fazer a dispensa que já estava às vias de se concluir.

O primeiro rascunho demorou pouco mais de um mês para ficar pronto. Ele continha um número tão considerável de detalhes, diagramas e desenhos, que fez o relato no caderno de caligrafia parecer um mero resumo de uma epopeia, em comparação. João não permitiu que um mínimo traço de memória sequer ficasse de fora do registro. Passou alguns meses revisando os capítulos, acrescentando informações e corrigindo o texto. No dia que recebeu a última parcela do seguro desemprego, João, que havia

lido pouco mais que cinco livros em sua vida, havia terminado de escrever um.

Quando terminou, sentou-se em frente a pilha de folhas, com uma sensação de dever cumprido. Desejou intensamente ter a oportunidade de mostrar o livro a Lucilda, já que havia sido ela quem primeiro ouviu sobre a profecia. Contudo, naquela ocasião, o casal já estava separado há pelo menos duas semanas. Lucilda decidiu voltar para casa dos pais, deixando apenas um bilhete colado na porta da geladeira. João não ficou surpreso, pois eles já não se falavam há praticamente um mês. Sem esposa e sem emprego, tudo que João tinha era um livro, uma visão profética do fim do mundo. Nada mais.

A demora em conseguir uma editora fez com que o livro só fosse publicado um ano após ser escrito. Essa demora se deu pelas dificuldades impostas pelo próprio autor, que não aceitava de forma alguma que o livro tivesse partes removidas ou mesmo trechos abreviados. Brigou com todos os editores, aceitava apenas as correções ortográficas e nada além disso. Desta forma, coube a uma pequena editora exotérica a tarefa de tentar vender um livro que era tão caótico em sua estrutura como imaginativo em sua narrativa.

As Luzes do Apocalipse, foi o título escolhido, impresso em letras grandes com o subtítulo; *A profecia de um homem comum*.

Nesse meio tempo, João passou a sobreviver de pequenos bicos, sempre sendo tratado com desprezo por ter perdido o casamento e o emprego por causa de um sonho maldito.

O livro não vendeu quase nada. Mesmo assim, em virtude da

peculiaridade do tema, uma modesta emissora de TV se interessou pelo assunto, achando que o tema seria suficientemente bom para preencher alguns minutos de seu quadro de debates, que era transmitido no ridículo horário das madrugadas de segunda a sexta. João recebeu o telefonema e aceitou a proposta de participar do programa, que seria composto por uma série de debates televisionados ao vivo.

Sentado em uma poltrona de veludo cafona, num cenário de quinta categoria, João defendeu sua profecia enfatizando os pormenores de como o mundo acabaria. Enquanto falava, outros participantes, figuras espalhafatosas, argumentavam contra ou a favor de suas previsões, usando o vocabulário mais chulo e os argumentos mais rasos possíveis.

Os insones telespectadores que sintonizavam o programa de TV, recebiam em seus televisores um show bizarro de extremo mau gosto. Havia enquetes iterativas e pessoas ligavam para responder perguntas ao vivo. “*Você acredita no fim do mundo?*”

Uma das perguntas mais frequentes era “*quando o fim do mundo vai acontecer?*”. O profeta do apocalipse era sempre honesto nessa questão.

— Eu não sei — ele respondia, abaixando a cabeça com pesar.
— Mas posso garantir que vai acontecer. Um dia... — acrescentava.

A série de debates televisivos durou pouco. O assunto perdeu força. O profeta do fim do mundo foi substituído por um rapaz do interior, o qual afirmava ter sido levado por uma nave espacial com o intuito de manter relações sexuais com seres de outra dimensão.

Como o dinheiro da venda dos livros não era suficiente para pagar as contas, João teve que voltar a procurar um emprego fixo. Depois de muitas entrevistas, ele finalmente conseguiu uma vaga como embalador, numa fábrica de eletrônicos. O serviço era simples, ele ganhava por peça embalada e, como a atividade era monótona, frequentemente se pegava em devaneios, imaginando o futuro tenebroso que estava por vir.

3

Dois anos se passaram e o apocalipse não chegou. A medida em que o entusiasmo ia diminuindo, a história do final do mundo também foi morrendo. As cartas religiosas foram cessando até se tornarem correspondências eventuais. *As Luzes do Apocalipse* encalhou nas prateleiras das livrarias, mesmo com sua modesta tiragem, o que fez com que a editora abortasse de vez os planos para uma segunda impressão.

Em certa ocasião, João foi a um sebo comprar uma revistinha de palavras cruzadas e viu seu livro numa caixa de ofertas, misturado entre outros títulos de pouco interesse. *Leve 3 por \$10*, dizia a plaquinha.

Apesar do entusiasmo ter se esvanecido com os anos, ele nunca deixou de lado a missão de alertar ao mundo sobre as tenebrosas luzes. Em toda oportunidade, fosse numa conversa aleatória ou num bate-papo entre amigos, o profeta do apocalipse jamais perdia a chance de falar sobre a onda de mortes. Chegou ao ponto em que, desbotado pela exposição, o relato apocalíptico se tornou uma espécie de anedota entre todos que o conheciam.

Certo dia, João estava na festa de aniversário de um colega de trabalho, sentado sozinho em uma mesa comendo salgadinhos, quando seu colega Carlão o chamou. O colega estava visivelmente empolgado depois de tomar o décimo copo de uísque.

— Ei cara! Vem aqui contar pro pessoal aquela sua história maluca.

Ele Limpou calmamente os farelos das pontas do bigode com um guardanapo e foi até o bar se juntar aos colegas. Carlão, bateu em seu ombro e sorriu. O ébrio assobiou e chamou outros companheiros.

— Vem aqui, gente! Vocês precisam escutar essa história!

Outras cinco pessoas se aproximaram da turma que já estava no bar.

— Isso não é invenção. Vou contar sobre um sonho que tive uma vez e que me revelou coisas que vão acontecer em breve.

O grupo ouviu com atenção, apesar da óbvia desconfiança. A maioria já conhecia o caso, afinal, quem nunca ouviu falar do profeta do setor de produção?

Os ouvintes do bar viajaram no relato, num misto de credulidade e desconfiança que só a bebida pode proporcionar. Houve também os inevitáveis risinhos de deboche. Mesmo assim, depois de contar e recontar aquela história milhares de vezes, existia um momento em que todos sempre acabavam se calando. Um ponto que ele mesmo há muito já aprendera a identificar e explorar, no qual até mesmo o mais cético ouvinte fraquejava por um segundo.

Um em cada cinco.

Quando todos ficaram calados, imaginando-se vivendo as cir-

cunstâncias sinistras que João havia narrado, Carlão interrompeu o momento de silêncio.

— É por isso que eu sempre digo, viva como se fosse o último dia e beba como se não houvesse amanhã!

Todos riram.

As risadas quebraram a aura pesada que João havia deixado no ar e não demorou mais que alguns segundos para que todos voltassem para suas conversas fiadas, abandonando a horda de mortos empilhadas nas ruas como a algo que se vê num filme de terror.

As coisas só começaram a melhorar financeiramente quando João conseguiu ser promovido para o almoxarifado.

Como as coisas boas tendem a convergir, João voltou a se encontrar com Lucilda. Oficialmente eles ainda eram casados, pois nunca efetivaram o divórcio, apesar de não viverem sob o mesmo teto há pelo menos cinco anos.

Receosa a princípio, Lucilda só aceitou voltar a morar com João com uma condição, que ele promettesse que não embarcaria na loucura do fim do mundo novamente. Ela deixou claro os termos. Ficava decretado o fim das entrevistas, as participações em debates, reuniões e, principalmente, o abandono definitivo de ideias estapafúrdias, como por exemplo, escrever um livro.

João aceitou as condições, contudo, como sempre fora honesto, não escondeu o fato de que continuaria acreditando em sua profecia. Estava disposto a não tocar no assunto, mas caso fosse perguntado, teria que responder a verdade. Lucilda concordou, mas com uma natural desconfiança, deva-se dizer.

A vida seguiu seu curso, os anos foram se passando como o cair de grãos de areia numa ampulheta. Nesses anos, houveram tragédias, mas, apesar das catástrofes, o mundo continuava existindo.

Não é como se João realmente acreditasse que o mundo fosse acabar. O fim do mundo, no fim das contas, era somente uma expressão. A proporção de mortos de um em cada cinco sugeria uma fração terrível, ainda assim, sob certo ponto de vista, não representava o fim da humanidade. A maioria das pessoas ainda sobreviveria. Quantas pessoas existiam no mundo, sete bilhões? Ele fez as contas. Quase um bilhão e meio de mortos. Era muita gente para ser enterrada. Com certeza muita gente boa cairia junto, mas ainda sobrariam outros cinco bilhões e tantos de *homo sapiens* para tocar o mundo. O sonho que João tivera, em nenhuma circunstância significava de fato o fim do planeta terra, mas sim o término de uma forma de viver.

Existindo sob a constante ameaça do holocausto, seria muito conveniente a João se entregar aos braços de Deus. Quem sabe, orar todos os dias pedindo pelo adiamento da hecatombe. Fazer penitência, barganhar, comprar seu perdão. Porém, João manteve-se afastado de todo escopo religioso. Nunca foi do tipo que ia a igreja e não começaria agora. Se existisse mesmo um ser metafísico onisciente, esse ser não seria facilmente enganado com falsas demonstrações de fé, e de nada adiantaria ir para igreja guiado simplesmente pelo medo do flagelo.

Às vezes, ele se pegava pensando na história bíblica de Noé. Se as luzes fossem mesmo a versão atualizada do dilúvio, o fato

de Deus ficar calado sobre a nova arca indicava que, pelo menos dessa vez, ele realmente não estava interessado em preservar a humanidade. Assistindo as notícias nos telejornais, João pensou que não culpava Deus por pensar assim.

Apenas um ano após reatarem o relacionamento, Lucilda deu a luz a Alberto, seu primeiro e único filho. Até então, nenhum sentimento do mundo se comparou à felicidade que João sentiu no dia em que segurou o filho pela primeira vez, na maternidade. Com o recém-nascido nos braços, a profecia ficou reclusa em um canto escuro da consciência.

Como vivia esperando que o próximo dia fosse o último, João passou todo tempo disponível ao lado do filho. Tinha pesadelos constantes com as luzes no céu. Nesses sonhos, gritos o acordavam no meio da noite. Atordoado, abria a janela do quarto via a tenebrosa luz ondulante resplandecendo no céu noturno. Em desespero, ia correndo para o quarto do filho, onde deparava-se com o corpo da esposa abraçado à criança, ambos caídos ao chão sobre uma poça de sangue.

Quando esses pesadelos ocorriam, João ficava insone. Se punha sozinho no escuro da sala de estar, olhando pela janela de tempos em tempos, até o nascer do dia.

Às vezes, Lucilda acordava e via o marido nessa condição. Não precisava perguntar nada a ele, pois sabia muito bem o que se passava em sua mente.

Graças ao medo constante, João foi o pai mais presente e amoroso. Ele esteve junto ao filho no primeiro dia na creche, no primeiro dia da escola, na primeira vez que tentou andar de

bicicleta, quando ele recebeu a medalha de segundo colocado na competição de natação, nas primeiras aulas de direção e na cerimônia de graduação.

Não seria exagero dizer que João só largou a mão do filho quando este foi chamado para trabalhar em outra cidade. Ao contrário do pai, Alberto estava muito feliz em finalmente caminhar com suas próprias pernas, livre dos protetores olhos paternos. Nessa época, João já ostentava um distinto bigode branco e há muito seus cabelos haviam lhe abandonado.

Lucilda também lhe abandonou. Desta vez, permanentemente, conduzida por um AVC direto para o túmulo. João, que sentia-se solitário desde a partida do filho, passou a ter que reviver a amarga sensação dos anos em que vivera sozinho.

Aposentado, depois de quarenta e cinco anos de trabalho na indústria, com um filho que morava longe e viúvo, tudo que João tinha era sua pavorosa profecia como companhia, a assombrá-lo.

Quando soube da aposentadoria de João, Alberto resolveu presenteá-lo com um moderno notebook, esperando que o pai encontrasse algo produtivo para preencher o tempo livre. João vivia reclamando que gostaria de falar mais com o filho, Alberto explicou que com o computador, eles poderiam conversar com mais frequência.

Além disso, Alberto estava de mudança para Alemanha, e fazer ligações para outro continente não custaria barato.

João aceitou o presente com certa desconfiança. Havia muitos anos que não encostava em um computador, então se viu tendo que reaprender a mexer na gerigonça. Ainda que de forma bem

limitada, era o suficiente para matar a saudade que sentia do filho, ele pensou.

Com a internet, iniciou-se uma nova etapa em sua obsessão. João descobriu que poderia entrar nos fóruns de discussão para falar do único assunto, fora o filho, que lhe despertava o interesse. Com o nome de usuário *Cassandra-267*, uma referência pouco disfarçada, a profecia do holocausto mundial ganhou novos olhos. Jovens, em sua maioria adolescentes problemáticos, adoravam mandar falsas mensagens de apoio ao senhor de idade, incentivando-o a espalhar sua profecia, como uma espécie de piada virtual, que era absorvida por uma série de guetos da internet.

Agora o correio era eletrônico, e foi sua caixa de entrada de e-mails que recebeu a nova (mas previsível) leva de mensagens fanáticas.

Alberto ficou aborrecido quando descobriu que o pai estava se tornando novamente uma lenda, dessa vez no mundo digital. Pensou em repreendê-lo, pois tinha tristes lembranças da infância referentes ao assunto proibido. Contudo, ele ponderou sobre como o pai estava solitário e chegou a conclusão que talvez deixá-lo seguir sua obsessão fosse a escolha menos prejudicial.

Em todos esses anos, o golpe mais forte veio com a morte de Alberto, assassinado por um fanático religioso na Alemanha. Tudo aconteceu quando o filho estava dirigindo para a casa da namorada, que morava próximo ao campo. Ignorando o fato de estar sendo seguido por uma velha van de entregas azul, a vítima parou num pequeno restaurante para comprar cigarros, hábito que tinha adquirido recentemente.

Era por volta das dez horas da noite e caía uma leve chuva, quando Alberto retornou para o seu carro, com um cigarro na mão. Sem perceber que havia deixado as portas do veículo destrancadas, ele entrou em seu carro e ligou o rádio para ouvir música enquanto terminava de fumar o cigarro. Em sua distração, o assassino se ergueu abruptamente do banco traseiro e o estrangulou usando um cabo de aço e servindo-se do próprio banco como apoio para cometer o crime.

Pego de surpresa, Alberto lutou inutilmente pela vida, mas acabou sucumbindo a asfixia. Ele seria a quarta vítima do lunático, que retornou para sua velha van azul levando consigo o colar de Alberto como souvenir, objeto este que fora um presente de João.

Pode-se dizer que João morreu junto com o filho. No momento em que recebeu a notícia, teve que ser levado a um hospital para ser sedado. O abalo emocional foi tamanho que, após o fatídico evento, ele desenvolveu sérios problemas cardíacos.

Quando se sentiu minimamente recuperado, João tentou junto ao consulado brasileiro trazer o corpo do filho de volta para o país, mas não houve interesse suficiente das autoridades na época. O corpo de Alberto foi sepultado na cidade de Bremen, por um padre católico.

Semanas se passaram, até que a polícia finalmente encontrou a localização e prendeu-o assassino. Em sua casa, haviam vários artigos religiosos apocalípticos, de várias religiões espalhadas pelo mundo. Numa das fotografias mais famosas publicadas nos sites de notícias, era visível sobre uma mesa um item que fez João estremecer. Ao lado de uma escultura de porcelana da deusa Kali,

havia uma edição de *As Luzes do Apocalipse*, com várias palavras em alemão rabiscadas na capa.

O assassino de Alberto era obcecado por seitas e religiões apocalípticas, e não foi nenhuma surpresa quando João descobriu que ele era uma das pessoas que vivia a lhe enviar cartas ao longo dos anos. Como João sempre ignorava as cartas escritas em outras línguas, não percebeu que estava alimentando o ódio de um maníaco em um país distante.

Aquilo foi suficiente para arruinar o pouco de esperança que lhe restava do mundo. João ficou devastado. Velho e completamente sozinho, pela primeira vez desde que tivera a visão, ele não se importou com o fim do mundo. Abandonou os fóruns de internet, jogou o computador no lixo, queimou todas as suas cópias de *As Luzes do Apocalipse* e nunca mais ousou tocar no assunto. Quando alguém lhe perguntava sobre a profecia, o velho se limitava a balançar a cabeça e nada respondia.

Nada mais.

Aquele era um assunto morto e enterrado. Morto como sua esposa, como seu filho, como sua vida.

4

Como não tinha parentes vivos, anos mais tarde João acabou indo parar num asilo para idosos. Nesta instituição, ele foi cuidado por um rapaz chamado Franklin, que demonstrou bastante interesse na história do novo residente.

Franklin ouviu de um dos colegas que o idoso outrora fora uma pessoa excêntrica, um tipo de vidente, que passou a vida

tentando alertar o mundo sobre uma catástrofe mundial, infortúnio esse que evidentemente nunca se concretizou. O jovem rapaz ficou imediatamente atraído pela narrativa do velhinho, principalmente depois que ficou sabendo do final trágico de seu único filho.

Pesquisando na internet, conseguiu resgatar antigas matérias sobre o tal profeta, inclusive um vídeo de péssima qualidade, retirado de alguma fita VHS e convertido porcamente para o formato digital, no qual via-se o senhor (ainda jovem e com cabelos) num tosco programa de televisão, defendendo vigorosamente sua crença enquanto era ridicularizado pelos demais participantes.

Fascinado com a mitologia envolvendo a vida peculiar de João, o jovem passou a dedicar mais atenção ao novo residente. Ele soube por meio de suas pesquisas que, após a morte do filho, o velho havia decidido parar de falar sobre o assunto. Isso causou-lhe um grande empecilho, pois ansiava iniciar uma conversa sobre o tema, embora não soubesse como abordar o assunto de uma forma cautelosa.

Franklin trabalhava há pouco tempo no lar de idosos, mas já havia aprendido que era necessário muito pouco para fazer um velho falar. Era só dar o mínimo de atenção, perguntar qualquer coisa sobre como eram as coisas antigamente e pronto, os vetustos começavam a falar sem parar. Mas com João Vigon as coisas eram diferentes. O velho era calado e quieto como um túmulo. Franklin por várias vezes tentou puxar conversa com o senhor, sempre *comendo pelas beiradas*, instigando para ver se o velho dizia algo. Porém, tudo que João fazia era sentar-se em frente à TV para assistir os noticiários e, principalmente à noite, ficar sentado

num banquinho de madeira próximo à janela, de onde ficava a observar o céu.

Franklin levou essa inquietação por alguns dias, até que numa tarde, após medir a pressão do senhor, não se aguentou de curiosidade e resolveu tocar no espinhoso assunto.

— Senhor, você não vai acreditar. Eu comprei o seu livro.

O velho nada disse, continuou abotoando a camisa como se o assunto fosse-lhe completamente estranho. O cuidador não se deu por vencido.

— Foi um pouco difícil de conseguir, devo confessar. Tive que pesquisar em todos os sebos virtuais, até que achei uma cópia disponível para compra. A encomenda chegou ontem em minha casa. A capa está marcada e as páginas estão bem amareladas, mas fora isso, dá para ler tranquilamente. Ontem à noite, antes de ir dormir, cheguei a ler umas cinquenta páginas. Achei tudo muito sinistro... De onde você tirou essas ideias?

João se levantou e foi sentar-se na poltrona em frente à televisão. Ele pegou o controle remoto, ligou o aparelho e aumentou bastante o volume.

Franklin pensou em desistir, mas concluiu que se quisesse arrancar algo do velho, teria que pressioná-lo um pouco mais. Ele puxou uma cadeira e sentou-se ao lado de João, cruzou as pernas e fingiu naturalidade.

— Voltando ao assunto do livro, é muito legal conhecer alguém como o senhor. Toda essa história de profecia, estou achando tudo muito interessante. Se você quiser, eu conheço um cara que pode digitalizar seu livro. Sabe o que isso significa?

João nada disse. Ele continuou:

— É transformar num tipo de livro que se possa vender e distribuir pela internet. No seu caso, estou certo que ele não cobraria nada por isso. Entretanto, primeiro é preciso que o senhor autorize...

— Não! — gritou o velho, segurando firme no braço do cuidador.

Depois de um tempo ele largou o braço, deixando ainda visíveis as marcas dos dedos na pele. Franklin reparou que ele tinha até muita força para idade.

— Não quero mais saber dessa história! Não quero saber de *porcaria* de livro nenhum! Esse assunto morreu pra mim, está entendido? Morreu...

O rosto do idoso ficou avermelhado, as veias de seu pescoço começaram a se dilatar. Franklin viu a mão do velho ficar pálida, ao mesmo tempo em que sua cabeça e seu pescoço inchavam.

João começou a massagear o próprio peito com as mãos trêmulas, gemendo. Arrepentido de ter cruzado a linha, o jovem cuidador tentou fazer o senhor se acalmar, prevendo que ele teria um infarto a qualquer instante. Ele sentiu o suor brotando da pele fria quando colocou o idoso de volta na cama.

Merda!, pensou ele. O velho deu um xilique e agora estava tendo uma crise.

Os olhos do senhor começaram a se revirar, até sobrar somente a esclera. O velho começou a se contorcer, as veias do pescoço estavam saltadas como as veias de um halterofilista.

O jovem cuidador correu para chamar o médico que estava consultando outros residentes na ala externa. A cada porta que cruzava, Franklin xingava-se dos nomes menos lisonjeiros que co-

nhecia.

João morreu naquela mesma tarde. Ele teve cinco paradas cardíacas dentro da ambulância no caminho para o hospital. O profeta do fim do mundo já estava morto antes mesmo de chegar à enfermaria.

João Vigon havia passado seus últimos meses de vida desiludido, solitário e completamente arrependido das escolhas que tomara em vida. Apenas minutos antes de morrer foi que ele se deu conta que vivera uma existência orientada pelo medo. *O medo da inevitabilidade*. E como tudo isso pareceu-lhe fútil quando, enfim, a maior inevitabilidade humana bateu à sua porta para o acerto de contas.

O jovem curioso teve que lidar com o peso da morte do senhor em sua consciência. A princípio, sua estratégia para disfarçar a culpa foi diminuir sua importância na participação do desfecho trágico. No fim das contas, aquele lugar era um asilo e lá os velhos morriam a todo instante. Ele tentou se convencer de que João estava com a saúde frágil e que, se não fosse a conversa maldita, teria sido qualquer outra coisa a conduzi-lo a óbito. As coronárias do velho já deveriam estar saturadas de uma vida inteira, só esperando o momento certo para explodirem. Não fosse a conversa, teria sido uma notícia no jornal, um susto no meio da noite, até um barulho de copo caindo e se estilhaçando. Qualquer coisa teria causado o efeito fatídico, infelizmente, calhou de ter sido o tema indigesto.

Nada mais.

O corpo de João foi sepultado num econômico caixão de pinho em um cemitério público, a contragosto do que desejara em vida, que era ser enterrado no cemitério dos Alverdes, ao lado de Lucilda. O cadáver de João seguiu dentro dos trâmites comuns de sepultamentos oferecidos aos internos do asilo. O procedimento habitual consistia num enterro simples, sem cerimônia, pouco melhor que o procedimento padrão conferido aos corpos dos indigentes.

5

Dez dias após a morte de João, eis que finalmente começa o fim do mundo.

Semanas antes, pescadores na Bahia haviam presenciado um fenômeno estranho. Eles estavam em alto mar pescando lagostas, quando viram bizarras luzes verdes dançando no céu noturno. Dois dias depois, um grupo de boiadeiros no interior de Goiás também presenciou o mesmo fenômeno. Outros relatos foram se acumulando, vistos por pilotos de aviões e astrônomos, mas nenhum deles repercutiu na mídia. O fim do mundo pegou a todos de surpresa, assim como estava escrito; *como um ladrão no meio da noite*.

Quando aconteceu, Franklin estava em uma sessão com seu analista. Desde a morte do velho ele vinha se sentindo estranho, re-

moendo a culpa. Isso fez sua ansiedade aumentar. Como já havia sido diagnosticado com depressão anos antes, achou por bem consultar o Dr. Fabrício, seu psicoterapeuta, para mais uma sessão de análise.

Naquela quinta-feira à tarde, ele estava sentado no divã, como sempre costumava fazer. Por mais que o psicólogo insistisse, Franklin sempre se recusava a deitar no divã. Ele dizia que ficava mais à vontade sentado. Na verdade, Franklin pensava que se deitar era para os *casos graves*, como o equivalente a entrar de maca num hospital. Sendo assim, ele preferia ficar sempre sentado.

— Já faz uns dias que terminei de lê-lo — disse ele apontando para o livro que estava nas mãos do terapeuta. — Deveria ter jogado fora, como o velho disse, mas não consegui. Sei lá, tem uma coisa com esse livro que não sai da minha cabeça.

Os olhos clínicos do terapeuta estavam vidrados nas páginas do livro.

— Eu fico lendo e relendo. Minha namorada vive dizendo que vai jogá-lo na lixeira do prédio quando eu estiver dormindo. É claro que é uma brincadeira, mas só por precaução, comecei a esconder o livro dentro de uma caixa, na gaveta da escrivaninha. Me senti bobo fazendo isso.

O terapeuta continuou a folhear o livro com a mesma cadência, passando as páginas num meio termo de curiosidade e interesse, que começou a deixá-lo incomodado.

— Bem, acho que seria honesto admitir que estou realmente ficando obcecado por esse livro. Não sei se foi por causa da morte do velho... A maneira como ele reagiu — ele fez uma pausa, passou a mão nos cabelos puxando-os para trás, depois massageou

o próprio pescoço — ou se é outra coisa. Mas ele não sai da minha cabeça. Esse livro é bem difícil de conseguir. Existem poucas cópias. Edição única, sem reimpressões. Ele não é caro, afinal, ninguém deu muita bola na época em que foi lançado. Mesmo assim, é difícil de conseguir um exemplar. Posso dizer que foi um golpe de sorte.

Ele sorriu quando parou para pensar na última frase que dissera. *Sorte*, seria mesmo?

— Para piorar, ontem minha namorada me pegou tirando fotos do livro. Ela ficou me olhando com uma cara de reprovação. Dessa vez ela não disse nada, nenhuma piada sobre como eu estava trocando-a pelo livro. Só aquele olhar de julgamento, o que foi muito pior. Eu disse que estava tirando fotos para colocar num anúncio *online* de venda. Claro que era mentira, ela sabe. Eu estava tirando fotos das páginas do livro, pois acordei com medo de que ele fosse roubado. Sei lá, algo assim.

Ele fez uma pausa e olhou para o terapeuta. Se fez a mesma pergunta que a maioria das pessoas fazem em suas primeiras sessões de análise, se o terapeuta prestava mesmo atenção ao que os pacientes falavam ou se pensavam na lista do supermercado.

Dessa vez, o analista havia parado de folhear o livro e estava estancado bem no meio, abrindo-o até formar um vinco profundo na lombada. Se continuasse a fazer aquilo, o terapeuta iria acabar rasgando o livro em dois. Franklin ponderou se o analista estava fazendo aquilo de propósito para testá-lo, já que ele acabara de falar sobre sua obsessão pela obra.

Foi somente quando o terapeuta trincou os dentes e começou a envergar para trás, que ele se deu conta que algo estava errado.

— Doutor Fabrício, o senhor está se sentindo b...?

Não teve tempo de completar a pergunta, o terapeuta largou o livro que caiu sobre a mesa, e começou a espumar pela boca, ao mesmo tempo que curvava-se ainda mais, se contorcendo em espasmos.

O paciente levantou-se e foi correndo ao socorro do analista. Segurou sua cabeça para atenuar os espasmos. Gritou por ajuda.

A recepcionista deveria estar a menos de quinze metros, sentada em sua mesa com uma revista nas mãos, do lado de fora da sala. Mesmo assim ela não deu sinal. Ninguém apareceu.

Os espasmos foram ficando mais violentos. Franklin teve dificuldades de manter o corpo arredio na cadeira, era como tentar segurar um peixe enorme que se debatia para se livrar do anzol e voltar para água. Finalmente ele deixou o corpo cair sobre o carpete, o melhor que ele pôde fazer foi cuidar para que o terapeuta não batesse com a cabeça no chão. Ele viu que havia um líquido manchando o carpete, e que as pernas do convulsivo homem estavam molhadas. Cheirando a ponta dos dedos ele soube que era urina.

Inconformado com ausência de socorro, Franklin saiu correndo pela porta. Foi esbravejando, perguntando aos gritos se estavam todos surdos, pois havia um homem passando mal, literalmente estrebuchando e se mijando em seu próprio consultório, e ninguém apareceu para ajudá-lo.

Não conseguiu brigar com ninguém, pois se deparou com a recepção completamente deserta. Estava coçando a cabeça, imaginando onde se metera a recepcionista, quando notou a ponta do sapato scarpin vermelho despontando por debaixo da mesa da

recepção.

Afastando a cadeira, ele encontrou o corpo da recepcionista com os olhos revirados, a boca escancarada e uma mancha de sangue na testa, provavelmente causado pelo impacto contra a quina do armário na queda. Nervoso, Franklin voltou correndo para o consultório onde o seu terapeuta já estava morto. Agora havia manchas ao redor da cabeça, oriundos do sangue vomitado segundos antes do óbito.

Sem saber a quem recorrer, ele pegou o celular do bolso e o retirou do modo avião. Sempre colocava o celular em modo avião para evitar ser interrompido durante as sessões. O aparelho ficou procurando sinal, mas nem o serviço de telefonia nem a internet estavam funcionando.

Nas vias de entrar em estado de choque, Franklin saiu do consultório à passos apressados. Enquanto esperava pelo elevador para sair do prédio, sua mente foi fazendo as primeiras conexões, conclusões óbvias que iam se encaixando no único conceito que explicava o que estava acontecendo. Ele se recusou acreditar, a princípio.

Quando a porta do elevador se abriu, deu um grito de horror e tapou a boca com a mão, num gesto involuntário. Havia um casal morto no chão do elevador, um homem de terno chique e uma adolescente de vestido claro. Ambos com as pernas entrelaçadas, os mesmos olhos revirados, o vestido branco da garota salpicado com manchas escorridas de sangue fresco.

Recuperando-se do susto, ele desceu os dez andares do prédio pela escada de emergência. Poderia ter procurado o segundo elevador, mas ficou com medo de ter uma nova surpresa, o que

se mostrou uma escolha irrelevante, pois assim que chegou na recepção do prédio se deparou com outros inúmeros corpos. Todos com os mesmos olhos revirados, sangue escorrendo das bocas e das narinas.

Do lado de fora, Franklin foi absorvido por um mundo que ruía.

Havia dezenas de carros batidos nas ruas, com cadáveres nos seus interiores, mãos ensanguentadas por detrás dos volantes. As calçadas estavam tomadas de corpos caídos. Sirenes e alarmes ecoavam vindo de todos os lados. Pessoas em choque corriam sem rumo, passando de um lado para o outro com os celulares nas mãos. Gritos se misturavam com pedidos de socorro. Vidro quebrado no chão. No céu, a trajetória de um avião que parecia cair descontroladamente em parafuso.

Ninguém conseguia entender o que estava acontecendo. Alguns gritavam sobre um suposto ataque terrorista, outros diziam que era a ira divina. Colunas de fumaça se erguiam pelos ares, havia incêndios se iniciando em todas as direções. Uma ambulância passou em disparada pela esquina, a poucos metros dele, sua sirene fazendo eco entre os edifícios. Ao longe, chegou o estrondo da explosão de um posto de gasolina.

Parado como um bobo na calçada, estava Franklin.

Ele olhou para a sua mão e viu que estava segurando o livro. Ficou surpreso. Não se lembrava de tê-lo pego. Deve ter sido um gesto inconsciente.

Agora, o exemplar estava amassado e sujo, com salpicos de sangue do analista manchando sua capa. Com a delicadeza de um monge, ele usou a extremidade de sua camiseta para limpar

o sangue do objeto. Quando terminou, levantou o livro e ficou olhando para sua capa.

Imaginou como seria passar a vida inteira tentando contar ao mundo sobre algo importante, sendo constantemente humilhado e ridicularizado, e morrer apenas dez dias antes do acontecimento se concretizar.

Ele sorriu, como se de repente tivesse se lembrado da piada mais engraçada que escutara em sua vida.

Do outro lado da rua, uma mulher que saíra para passear com o cão quando o apocalipse começou, viu a cena de um jovem gargalhando no meio da calçada, enquanto o mundo inteiro desmoronava ao seu redor, e achou que o pobre coitado havia perdido a sanidade.

Nada mais.

Ricardo Serafim

Junho/2020

serafim.escritor@gmail.com

www.ricardoserafim.com.br

Histórias de Horror para um mundo assombrado.